

**Secretaria de Estado de Educação do Estado de Minas Gerais**

**SEE-MG**

Professor de Educação Básica – PEB – Nível I Grau A - Filosofia

Edital SEE Nº. 07/2017, de 27 de dezembro de 2017

**DZ155-2017**



## DADOS DA OBRA

**Título da obra:** Secretaria de Estado de Educação do Estado de Minas Gerais - SEE-MG

**Cargo:** Professor de Educação Básica – PEB – Nível I Grau A - Filosofia

(Baseado no Edital SEE Nº. 07/2017, de 27 de dezembro de 2017)

- Conhecimentos Específicos

### **Autora**

Silvana Guimarães

### **Gestão de Conteúdos**

Emanuela Amaral de Souza

### **Diagramação**

Elaine Cristina  
Igor de Oliveira  
Camila Lopes

### **Produção Editorial**

Suelen Domenica Pereira

### **Capa**

Joel Ferreira dos Santos

### **Editoração Eletrônica**

Marlene Moreno





## SUMÁRIO

### Conhecimentos Específicos

I - A FILOSOFIA: seu passado e seu presente. ....	01
II - NOÇÕES DE LÓGICA: O que é inferência?; Verdade e validade; Raciocínio dedutivo e raciocínio indutivo; .....	02
III - HISTÓRIA DA FILOSOFIA: Temas em filosofia grega: o surgimento da Filosofia na Grécia antiga; Heráclito e Parmênides; Sócrates e os sofistas; a teoria platônica das ideias; a ideia de felicidade em Aristóteles. ....	05
Temas em filosofia medieval: a doutrina do livre arbítrio em Santo Agostinho; o problema dos universais em Santo Anselmo; as cinco vias da prova da existência de Deus em São Tomás; a autonomia da política em Maquiavel; o ceticismo em Montaigne; temas em filosofia moderna; a revolução científica do séc. XVII; o fundamento do conhecimento em Descartes; a concepção de Estado em Hobbes; a doutrina da causalidade em Hume; a crítica kantiana da metafísica. ....	12
Temas em filosofia contemporânea: o conceito de ideologia em Marx; a doutrina da intencionalidade em Husserl; a doutrina da liberdade em Sartre; a ideia de significado no 2º Wittgenstein; a crítica popperiana do positivismo. ....	67
IV - ÉTICA. ....	86
V - O PENSAMENTO FILOSÓFICO. ....	114
VI - AS FILOFIAS AFRICANAS E AFRODESCENDENTES. ....	118
VII - FILOSOFIA FEMINISTAS E SEUS DESDOBRAMENTOS.....	127



**CONHECIMENTOS ESPECÍFICOS**  
**Professor de Educação Básica - Filosofia**

I - A FILOSOFIA: seu passado e seu presente. ....	01
II - NOÇÕES DE LÓGICA: O que é inferência?; Verdade e validade; Raciocínio dedutivo e raciocínio indutivo; .....	02
III - HISTÓRIA DA FILOSOFIA: Temas em filosofia grega: o surgimento da Filosofia na Grécia antiga; Heráclito e Parmênides; Sócrates e os sofistas; a teoria platônica das ideias; a ideia de felicidade em Aristóteles. ....	05
Temas em filosofia medieval: a doutrina do livre arbítrio em Santo Agostinho; o problema dos universais em Santo Anselmo; as cinco vias da prova da existência de Deus em São Tomás; a autonomia da política em Maquiavel; o ceticismo em Montaigne; temas em filosofia moderna; a revolução científica do séc. XVII; o fundamento do conhecimento em Descartes; a concepção de Estado em Hobbes; a doutrina da causalidade em Hume; a crítica kantiana da metafísica. ....	12
Temas em filosofia contemporânea: o conceito de ideologia em Marx; a doutrina da intencionalidade em Husserl; a doutrina da liberdade em Sartre; a ideia de significado no 2º Wittgenstein; a crítica popperiana do positivismo. ....	67
IV - ÉTICA. ....	86
V - O PENSAMENTO FILOSÓFICO. ....	114
VI - AS FILOSOFIAS AFRICANAS E AFRODESCENDENTES. ....	118
VII - FILOSOFIA FEMINISTAS E SEUS DESDOBRAMENTOS.....	127



## CONHECIMENTOS ESPECÍFICOS

### Professor de Educação Básica - Filosofia

#### PROF. SILVANA GUIMARÃES FERREIRA

Bacharel em Direito Especialização em Gestão Empresarial e Gestão de Projetos; Consultora Empresarial e Coordenadora de Projetos Empresária; Palestrante (área Desenvolvimento Pessoal / Atendimento e Vendas / Relações Comportamentais)

#### I - A FILOSOFIA: SEU PASSADO E SEU PRESENTE.

Filosofia é um campo do conhecimento que **estuda a existência humana e o saber por meio da análise racional**. Do grego, o termo filosofia significa "amor ao conhecimento".

Os principais **temas** abordados pela filosofia são: a existência e a mente humana, o saber, a verdade, os valores morais, a linguagem, etc.

O **filósofo** é considerado um sábio, sendo aquele que reflete sobre essas questões e busca o conhecimento através da filosofia.

Dependendo do conhecimento desenvolvido, a filosofia possui uma gama de **correntes e pensamentos**. Como exemplos temos: filosofia cristã, política, ontológica, cosmológica, ética, empírica, metafísica, epistemológica, etc.

#### Para que serve a Filosofia?

Por meio de argumentos que utilizam a **razão e a lógica**, a filosofia busca compreender o pensamento humano e os conhecimentos desenvolvidos pelas sociedades.

A filosofia foi essencial para o surgimento de uma **atitude crítica** sobre o mundo e os homens.

Ou seja, a **atitude filosófica** faz parte da vida de todos os seres humanos que questionam sobre sua existência e também sobre o mundo, o universo.

De tão importante, esse campo do conhecimento tornou-se uma disciplina obrigatória no currículo escolar, bem como foram criadas diversas faculdades de filosofia.

#### Origem da Filosofia

A filosofia tem início na Antiguidade, quando surgem as cidades-estados na Grécia Antiga. Antes disso, o pensamento, a existência humana e os problemas do mundo eram explicados de maneira mítica.

Ou seja, as explicações estavam baseadas na religião, na mitologia, na história dos deuses e, até mesmo, nos fenômenos da natureza.

Assim, com o surgimento da **polis grega**, os filósofos, que na época eram considerados enviados dos deuses, começaram a investigar e sistematizar o pensamento humano.

Com isso, surgem diversos questionamentos, que até esse momento não possuíam tal explicação racional. O pensamento mítico foi dando lugar ao pensamento racional e crítico e daí surgiu a filosofia.<sup>1</sup>

1 Fonte: [www.todamateria.com.br](http://www.todamateria.com.br)

#### A Filosofia hoje: Passado e Futuro

Ao contrário do que imaginava o jovem Wittgenstein, a filosofia não acabou com o *Tractatus Logico-Philosophicus*. Pelo contrário, a partir de seus trabalhos posteriores, muitos pensadores puderam se organizar melhor no sentido de abrir algumas portas para um pensamento crítico interdisciplinar. Foi assim que surgiu uma das manifestações mais recentes da Filosofia, que se uniu às ciências exatas, às ciências naturais e às ciências humanas: a Ciência Cognitiva e a Filosofia da Mente.

O passado e o presente se juntaram numa síntese filosófica, preservando o que havia sido produzido de mais interessante em matéria de filosofia, de ciência, de lógica, de psicologia, de linguística, de computação, de economia, de ciências sociais etc. Esta síntese remeteu o pensamento para o futuro, para um avanço sobre o que entendemos por Mente e/ou Espírito humano; esta síntese nos remeteu para o que entendemos por capacidades de conhecer, sobre o que entendemos por capacidade de agir, sobre o que entendemos por capacidade de perceber, enfim, sobre o que entendemos por Sujeito e sobre como ele pode se relacionar cognitivamente com o mundo e com os sujeitos particulares que o cercam.

Desde a filosofia antiga até o período atual, notamos a pertinência de certas questões que, mesmo passando por certas mutações em suas formas, não deixam de ocupar nossa atenção enquanto investigadores da natureza do conhecimento humano. Lembremos que essas questões podem se colocar da seguinte maneira: 'Como obtemos um conhecimento verdadeiro sobre o mundo?' e ainda, de uma maneira um pouco mais radical, 'Como poderíamos obter um conhecimento verdadeiro sobre nós mesmos?'

Certamente a filosofia, a Teoria do Conhecimento, a Filosofia da Ciência ou a Filosofia da Mente, de modo geral, nos forneceram uma série bastante grande de possíveis respostas; basta lembrarmos os posicionamentos do realismo ao ceticismo, do racionalismo ao empirismo, do positivismo lógico ao falsificacionismo e do dualismo ao materialismo; nenhum deles, contudo, ficou imune às críticas.

A contemporânea discussão sobre os possíveis processos que subjazem o que entendemos por mental é uma atualização das questões mencionadas há pouco. Vemos um grande esforço por parte da filosofia atual e por parte das ciências interdisciplinares em nos fornecer respostas convincentes às questões que ficaram em aberto por séculos, principalmente por meio de uma compreensão do que seja o mental. Este esforço preconizou o aparecimento da ciência cognitiva. Esta nova 'ciência' possui a franca estratégia de tentar unir os trabalhos realizados por diversas disciplinas científicas, de modo a criar um diálogo entre elas, somando a isto a crítica fornecida pela filosofia da mente.

Muito do que a ciência cognitiva é atualmente se deve à busca de um ideal que poderíamos designar como o Ideal Da Unidade Metodológica Da Ciência. Desde Descartes, percebemos a busca por esse ideal em sua proposta de um método investigativo apresentado, como pudemos ver, nas *Meditações* e no *Discurso do Método*. O conhecimento possui, em Descartes e na tradição filosófica que se seguiu a ele, a característica de poder ser examinado por

## CONHECIMENTOS ESPECÍFICOS

### Professor de Educação Básica - Filosofia

um único instrumento, a Razão. O filósofo Francis Bacon também possuía pretensões de alcançar uma unidade metodológica, porém, neste caso, o conhecimento só poderia ser obtido, honesta e verdadeiramente, por meio de uma abordagem empírica. Depois de Bacon, somente as ciências que se utilizassem deste tipo de abordagem poderiam ser consideradas como as 'verdadeiras ciências'.

Auguste Comte acreditava que, somente no que ele chamou de Estado positivo, a sociedade poderia começar a realmente caminhar numa verdadeira progressão em direção ao desenvolvimento do conhecimento. Neste Estado positivo as ciências naturais ocupam a posição de detentoras do único saber verdadeiro, pois possuem um método válido de investigação: o método empírico. Para Comte, tudo o que fora disto, do método empírico, representava um dos dois momentos que antecederiam o Estado positivo que, como se sabe, são o Estado teológico e o Estado metafísico. De qualquer forma, como não pode haver momento de mais glória para o conhecimento do que aquele obtido com o Estado positivo, não haveria porque não dar, ao método de investigação empírica, o mérito de único método válido.

Comte legou sua filosofia positiva ao Círculo de Viena, que floresceu na década de 30 deste século. Seus integrantes queriam uma ciência que privilegiasse o conhecimento obtido quantitativamente por meio de observações e de medições, o que implicaria numa redução de todo o conhecimento a uma espécie de fiscalismo. Sendo ou não uma boa herança filosófica, foi isto o que ficou dos neopositivistas do Círculo de Viena: um projeto de unificação metodológica das ciências em torno do eixo criado pelo vocabulário fiscalista das quantidades e dos recursos da moderna lógica matemática.

Deste breve histórico talvez não se possa afirmar, com toda segurança, que a ciência cognitiva tenha saído somente de Descartes, Bacon, Comte e de neopositivistas como Wittgenstein. No entanto, não há como fechar os olhos para este passado. Parece ser uma constante na história da filosofia, uma tendência observada já no período dos gregos e que perdura em nossos tempos, a de uma disputa sobre o que é o conhecimento e a forma como apreendê-lo. Isto é, uma disputa por uma única filosofia, por um conhecimento unificado, pela conquista do instrumento que possibilite a apreensão total de tudo que seja inteligível, ou seja, daquilo que é suscetível de ser compreendido em termos racionais. Na história da filosofia percebemos momentos em que tal instrumento parece ter sido encontrado e, no entanto, no momento seguinte, começamos a achar que o inteligível se nos apresenta pouco satisfatório.

Com o filósofo Descartes, vivemos um momento de ampliação do inteligível; a Razão serviu de poderosa lanterna clareando mesmo a mais densa escuridão jamais encontrada. Desde Comte, no entanto, passamos a ver a filosofia com outros olhos: como algo que tivesse perdido seus antigos encantos. A ciência passou, então, a ocupar o lugar da filosofia como legítima ferramenta para a obtenção do conhecimento. Quando já no início deste século,

com os neopositivistas do círculo de Viena, isto se consolidou ainda mais, toda filosofia que não estivesse à sombra do positivismo lógico era considerada metafísica e deveria ser banida.

Desde então, a naturalização do conhecimento se tornou a razão de ser de cientistas e de muitos filósofos ligados à ciência. O inteligível, em termos do conhecimento científico, passou a ser aquilo que pode ser medido e quantificado. Isto equivale a dizer que enfrentamos um momento, da história da filosofia, de redução do que pode ser legitimamente considerado como 'Inteligível'. Porém vivemos, exatamente por essa redução, a expectativa de uma rápida ampliação desse 'inteligível restrito' para algo maior, na medida em que, é certo, esta redução possa nos fornecer uma base sólida para o prosseguimento de nossas incursões no campo do conhecimento.<sup>2</sup>

#### II - NOÇÕES DE LÓGICA: O QUE É INFERÊNCIA? VERDADE E VALIDADE. RACIOCÍNIO DEDUTIVO E RACIOCÍNIO INDUTIVO.

##### **Inferência e Filosofia - Que é inferência?**

Inferência é a operação mental pela qual se extrai uma conclusão (nova proposição) de uma ou mais proposições já conhecidas. A inferência pode ser extraída também de alguma sensação.

É a ação e o efeito de inferir (deduzir algo, tirar uma conclusão de outra coisa, conduzir a um resultado). A inferência surge a partir de uma avaliação mental entre distintas expressões que, ao serem relacionadas como abstrações, permitem traçar uma implicação lógica.

Ao partirmos de hipóteses ou argumentos, é possível inferirmos uma conclusão (podendo ser verdadeira ou falsa). Por exemplo: "Ainda não recebi a confirmação oficial por parte da empresa, aquilo que te digo é apenas uma inferência minha", "Cada vez que joga a seleção, a Mariana falta ao trabalho: a minha inferência é que, amanhã, vamos estar sozinhos no escritório", "Não nos podemos guiar por inferências. Temos, sim, de aguardar que os factos sejam confirmados antes de tomarmos uma decisão".

O silogismo é uma forma essencial de inferência. Trata-se de uma forma de raciocínio dedutivo formada por duas proposições (premissas) e uma conclusão. Esta conclusão é a inferência que se deduz necessariamente das duas premissas.

A veracidade da conclusão dependerá das regras que regulam a relação entre as premissas comparadas. A garantia de verdade do novo juízo é a lógica, que deverá estabelecer distintas classificações das premissas.

Nem todas as inferências oferecem conclusões verdadeiras. É possível afirmar que todos os cães são animais peludos de quatro patas, mas não se pode inferir que todos os animais peludos que tenham quatro patas sejam cães.

2

Fonte: [www.desenvolvendoopensamentocritico.blogspot.com.br](http://www.desenvolvendoopensamentocritico.blogspot.com.br)

## CONHECIMENTOS ESPECÍFICOS

### Professor de Educação Básica - Filosofia

As inferências costumam produzir-se a partir de uma análise de características e de probabilidades. Se alguém fizer referência a um animal de quatro patas, peludo e que abana a cauda, pode-se inferir que o mais certo é que se esteja a referir a um cão.

**1º exemplo:** Alguém sente um cheiro de queimado e diz: 'Estou sentindo um cheiro de queimado.', 'Está pegando fogo em algo.' Estas duas frases são denominadas de "proposições". Através de uma sensação olfativa foi possível uma constatação e uma inferência. A frase constatativa pode ou não ser um engano, pode ou não ser verdadeira, mas iremos discutir isso no próximo item. Já a segunda frase é uma inferência a partir da primeira frase. O raciocínio fica assim: Se estou sentindo um cheiro de queimado, logo algo está queimando, ou logo algo está pegando fogo. A conclusão 'algo está pegando fogo' foi inferida de 'estou sentindo cheiro de queimado', portanto para inferir a conclusão foi necessária a premissa constatada pelo sentido do olfato. Claro é também que a conclusão poderia ser dita sem ter sido dita a proposição 'estou sentindo um cheiro de queimado.'. Esta é uma inferência imediata (não mediada por outra proposição).

Mas, se alguém ouve uma outra pessoa dizendo 'Estou sentindo um cheiro de queimado.' e a partir disso conclui: 'Algo está pegando fogo.', a inferência foi mediata (mediada por uma outra proposição)

**2º exemplo:** Alguém diz uma frase que não faz nenhuma referência às sensações: "Caso o Brasil ganhe a copa do mundo de futebol de 2006 eu irei começar a fazer um regime alimentar radical. O Brasil ganhou a copa de 2006. Logo, irei fazer um regime radical." Este tipo de inferência, onde aparecem dois tipos de premissas, é, também, denominada de inferência mediata (mediada).

#### **Verdade e validade**

A verdade e a validade são diferentes. A verdade (tal como a falsidade) é uma característica das proposições. A validade (tal como a invalidade) é uma característica dos argumentos. Por isso, é incorreto dizer que uma proposição é válida ou inválida, tal como é incorreto dizer que um argumento é verdadeiro ou falso.

Todavia, isso não significa que a validade e a verdade não têm nenhuma relação.

Pode-se falar de verdade sem falar de validade, tal como se pode falar de proposições sem falar de argumentos. No entanto, não se pode falar de validade sem falar de verdade, tal como não se pode explicar bem o que é um argumento sem falar de proposições.

A validade diz respeito à relação entre o valor de verdade das premissas e o valor de verdade da conclusão. Um argumento válido é um argumento em que as premissas justificam a conclusão, pois ela é uma consequência lógica delas. Ora, isso significa que a verdade das premissas assegura (de modo necessário no caso dos argumentos dedutivos e de modo provável no caso dos argumentos não dedutivos) a verdade da conclusão.

Um argumento válido pode ser constituído por proposições falsas, mas o facto de ser válido, de haver um nexó lógico entre premissas e conclusão, permite-nos perceber que caso as premissas fossem verdadeiras a conclusão também seria.

Dito por outras palavras. A verdade e a falsidade são características possíveis das diferentes partes de um argumento: premissas e conclusão. A validade e a invalidade são características da ligação dessas partes – ou seja, do próprio argumento.

De um modo coloquial, podemos dizer que um argumento válido é um argumento corretamente ligado, corretamente organizado – de tal modo que a verdade de uma parte (premissas) leva à verdade da outra parte (conclusão). E, pelo contrário, um argumento inválido é um argumento incorretamente ligado, incorretamente organizado – de tal modo que a verdade de uma parte (premissas) não leva à verdade da outra parte (conclusão).<sup>3</sup>

Dizemos frequentemente que uma ideia, uma pessoa ou uma iniciativa são válidas. Com isso queremos dizer que tal pessoa, tal ideia ou tal iniciativa são boas ou úteis, ou que têm um certo valor. Isso é o que acontece na linguagem comum. Em lógica e filosofia, porém, o termo «validade» tem um significado diferente e muito preciso, que já veremos qual é. Antes disso, há uma ideia que tem de ficar bem clara. Essa ideia é a da distinção entre **verdade** e **validade**; distinção fundamental em lógica e filosofia.

De uma proposição dizemos que é verdadeira ou falsa. Mas de um argumento, que é formado por várias proposições, já não podemos dizer que é verdadeiro ou falso. Isso seria um erro enorme. Algumas pessoas pensam que se um argumento é um conjunto de proposições e como as proposições são verdadeiras ou falsas, assim também os argumentos podem ser verdadeiros ou falsos. Isso seria o mesmo que dizer que um conjunto de pessoas é alto porque é formado por pessoas altas. As pessoas podem ser altas ou baixas, mas os conjuntos (sejam eles de pessoas ou de outra coisa qualquer) não são altos nem baixos. Se, como se verá, o mesmo argumento pode conter proposições verdadeiras e falsas, por que razão afirmáramos que esse argumento é verdadeiro em vez de falso, ou vice-versa? Aquilo que, primeiramente, nos interessa num argumento é saber se a conclusão se segue das premissas. No caso de isso acontecer estamos perante um argumento válido. Caso contrário, estamos perante um argumento inválido. O seguinte argumento é claramente válido:

*Todos os espanhóis são toureiros.*

*Bill Clinton é espanhol.*

*Logo, Bill Clinton é toureiro.*

Ao analisar este argumento, a diferença entre verdade e validade torna-se clara. É fácil verificar que tanto as premissas como a conclusão são falsas. Contudo, a conclusão segue-se das premissas. Por isso o argumento é válido. Falamos de verdade e falsidade quando referimos as premissas e a conclusão e falamos de validade ou invalidade quando referimos o próprio argumento. Veja-se agora o seguinte argumento claramente inválido:

*Todos os portugueses são europeus.*

*Luís Figo é europeu.*

*Logo, Luís Figo é português.*

3 Fonte: [www.duvida-metodica.blogspot.com.br](http://www.duvida-metodica.blogspot.com.br)

## CONHECIMENTOS ESPECÍFICOS

### Professor de Educação Básica - Filosofia

É muito fácil verificar que se trata de um argumento inválido, bastando substituir o nome de Luís Figo por outro nome como, digamos, Tony Blair, mas mantendo tudo o resto. E, apesar de ser um argumento inválido, todas as proposições que o constituem são verdadeiras. Só que a conclusão não é sustentada pelas premissas.

Mais uma vez se diz que um argumento é válido ou inválido consoante a sua conclusão se segue ou não das premissas, sejam elas verdadeiras ou falsas. Mas esta é ainda uma forma imprecisa de dizer o que é a validade. Existe, contudo, uma definição explícita de «argumento válido». Assim, diz-se que «**um argumento é válido se, e só se, é logicamente impossível ter premissas verdadeiras e conclusão falsa**». Sabemos agora exatamente o que procurar num argumento para saber se é válido ou não. Tudo pode acontecer com um argumento válido, menos uma coisa: ter premissas verdadeiras e conclusão falsa. Mas isto não significa que o argumento é válido desde que não tenha premissas verdadeiras e conclusão falsa. Não basta que não tenha as premissas verdadeiras e a conclusão falsa; é necessário que isso seja impossível de acontecer. Repare-se no meu último exemplo: não acontece ele ter as premissas verdadeiras e a conclusão falsa, até porque premissas e conclusão são todas verdadeiras. Mas se no mesmo argumento substituirmos, como atrás sugeri, o nome de Luís Figo pelo de Tony Blair, o que acontece? Acontece que as premissas continuam verdadeiras mas a conclusão é falsa. E essa é a única coisa que não pode acontecer num argumento válido. Portanto, é inválido.

Para tornar mais clara a noção de validade, podemos mesmo prescindir de qualquer nome, seja ele Luís Figo ou Tony Blair, e construir um argumento com a seguinte forma:

*Todo o A é B.  
c é A.  
Logo, c é B.*

Seja o que for que A, B e c signifiquem, este argumento é claramente válido. Admitindo que as premissas são verdadeiras, a sua conclusão não pode ser falsa. Mas como sabemos que este argumento é válido se não sabemos ainda o que significam A, B e c? Sabemos isso porque a validade de um argumento não depende daquilo que nele se afirma, isto é, do seu conteúdo, mas da sua **forma lógica**. Para sabermos se um argumento é válido nada mais temos de fazer senão atender à forma como está estruturado. É por isso que um argumento pode ser válido mesmo que nele se afirmem as coisas mais inverosímeis do mundo. Um bom exemplo disso é o seguinte:

*Se as bananas têm asas, o ouro é um fruto seco.  
Acontece que as bananas têm asas.  
Logo, o ouro é um fruto seco.*

Também aqui a conclusão terá de ser verdadeira, caso as premissas o sejam. Contudo, dificilmente alguém estaria disposto a aceitar um argumento destes. O que acontece é que não é suficiente um argumento ser válido para termos de o aceitar, mostrando assim que nem todos os ar-

gumentos válidos são bons. Não estamos interessados em aceitar a conclusão de um argumento válido quando essa conclusão é inferida de falsidades. Queremos também que um argumento seja **sólido**. Ou seja, que, além de ser válido, tenha premissas verdadeiras. Assim, se um argumento for válido e tiver premissas verdadeiras, somos, racionalmente, obrigados a aceitar a sua conclusão. Se não quisermos aceitar a conclusão de um argumento válido, só nos resta, então, mostrar que alguma das premissas é falsa.

Pelo que disse até aqui, dir-se-ia que apenas existem argumentos válidos e inválidos. E que os inválidos, ao contrário dos válidos, apresentam uma forma que não permite preservar sempre na conclusão a verdade das premissas. Assim, a lógica seria apenas o estudo da forma dos argumentos, ocupando-se exclusivamente dos argumentos válidos. Só que isso não corresponde à verdade. Há outros tipos de argumentos cuja aceitabilidade não depende da forma que apresentam. Tais argumentos fazem, por isso, parte da chamada «lógica informal».<sup>4</sup>

#### **Raciocínio indutivo e raciocínio dedutivo**

##### **Raciocínio indutivo**

O raciocínio indutivo parte de premissas para inferir uma conclusão. As premissas são observações da natureza e de fatos do mundo. Há uma pretensão neste tipo de raciocínio: a conclusão de um particular fundamentado numa proposição geral, mas, como a proposição geral é fruto da observação, ela não é geral.

Por exemplo:

1º Após uma extensa pesquisa sobre gansos, um cientista constatou numa população de 10 milhões de gansos, que todos eles eram brancos. Desta constatação, ele fez a seguinte proposição: 'Todos os gansos são brancos.' Um colega deste cientista telefonou-lhe dizendo que enviou para ele um ganso. O cientista que propôs a teoria acima tem certeza de que o ganso que irá receber é branco? A resposta é não. Sua teoria está fundamentada em 10 milhões de gansos e não em todos os gansos. Portanto, um caso particular - 10 milhões de gansos, não pode fundamentar outro caso particular - um ganso.

2º Olhando bem sua pele, uma mulher de 70 anos percebeu muitas rugas e concluiu, para seu conforto, que todo homem e toda mulher nesta faixa etária têm muitas rugas.

*Conclusão: Um argumento que tem como forma um raciocínio indutivo não é lógico.*

##### **Raciocínio dedutivo**

O raciocínio dedutivo conclui um particular de um geral. O geral é sempre uma hipótese. Quando se diz que 'Todo homem é mortal. Sócrates é homem. Logo, Sócrates é mortal.', está se dizendo: 'Se todo homem é mortal. Se Sócrates é homem. Logo, Sócrates é mortal.'

Agora podemos entender melhor o argumento dedutivo e lógico sobre os gansos: 'Se todos os gansos são brancos. E se irei receber um ganso enviado por um colega. Logo, este ganso é branco.'

4 Fonte: [www.rolandoa.blogs.sapo.pt](http://www.rolandoa.blogs.sapo.pt) - Por Aires Almeida

## CONHECIMENTOS ESPECÍFICOS

### Professor de Educação Básica - Filosofia

Pelo visto até agora, podemos chegar a seguinte conclusão: o raciocínio dedutivo partindo de uma hipótese geral não tem referência com o mundo real, mas tem referência com o que o cientista, filósofo ou pensador imagina sobre o mundo. Já o raciocínio indutivo parte de uma observação feita do mundo, de uma realidade, de um evento, de um fato.

**Para concluir, a fonte de verdade para um dedutivista é a lógica, para um indutivista é a experiência.<sup>5</sup>**

#### III - HISTÓRIA DA FILOSOFIA: TEMAS EM FILOSOFIA GREGA: O SURGIMENTO DA FILOSOFIA NA GRÉCIA ANTIGA; HERÁCLITO E PARMÊNIDES; SÓCRATES E OS SOFISTAS; A TEORIA PLATÔNICA DAS IDEIAS; A IDEIA DE FELICIDADE EM ARISTÓTELES.

##### **O surgimento da Filosofia na Grécia Antiga**

A Filosofia, como conhecemos hoje, ou seja, no sentido de um conhecimento racional e sistemático, foi uma atividade que, segundo se defende na história da filosofia, iniciou na Grécia Antiga formada por um conjunto de cidades-Estado (*pólis*) independentes. Isso significa que a sociedade grega reunia características favoráveis a essa forma de expressão pautada por uma investigação racional. Essas características eram: **poesia, religião e condições sociopolíticas.**

**OBS.: Segundo estudos:** A filosofia não nasceu na Grécia. A terra natal de Tales, considerado *o primeiro filósofo da história, é Mileto, cidade do sul da Jônia, região que hoje pertence à Turquia. Ou seja, é correto dizer que a filosofia nasceu no mundo grego, mas o mundo grego dos séculos 7 e 5 a.C. não tem nada a ver com a Grécia de hoje. Abrangia a costa do Mar Egeu, de Mármara e boa parte do Mar Negro, além do sul da Itália e das regiões costeiras da França, Espanha e África. Demorou quase cem anos para a filosofia chegar à capital Atenas, onde viveu Sócrates, uma espécie de Jesus Cristo da filosofia. (<https://super.abril.com.br/ideias/uma-breve-historia-da-filosofia/>)*

Costuma-se dividir a Filosofia Grega em quatro períodos:

a) **Período pré-socrático** – do século VII ao século V a.C. Caracterizado pela investigação acerca da *physis* e pelo início de uma forma de argumentar e expor as ideias;

b) **Período socrático** – do final do século V ao século IV a.C. Caracterizado pela investigação centrada no homem, sua atividade política, suas técnicas, sua ética. Também considerado o apogeu da filosofia grega;

<sup>5</sup> Fonte: [www.philosophy.pro.br](http://www.philosophy.pro.br)

c) **Período pós-socrático** – do século IV ao século III a.C. Caracterizado pela tentativa de apresentar um pensamento unificado a partir de diversas teorias do passado. Interessava em fazer a distinção entre aquilo que poderia ser objeto do pensamento filosófico.

d) **Período helenístico ou greco-romano** – do século III a.C. ao século VI d.C. Engloba o período do Império Romano e dos Padres da Igreja. Trata-se das relações entre o homem, a natureza e Deus.

##### **Poesia grega**

Os poetas gregos, como Homero, desempenhavam papel bastante importante na educação dos jovens gregos. Os poemas homéricos continham características que serviriam de base para o desenvolvimento da filosofia. A principal delas é a **busca pelas causas dos acontecimentos narrados**, procurando uma narrativa que contemplasse a realidade da forma mais completa possível.

Outro poeta grego, Hesíodo, tem grande importância para o pensamento grego por ter narrado o nascimento dos deuses, uma forma de tentar explicar a origem do universo, tema que apareceria no primeiro filósofo, **Tales de Mileto**. A Teogonia de Hesíodo faz coincidir os deuses com fenômenos da natureza e partes do universo, que teria sido originado a partir de Caos, o primeiro deus a se gerar.

Além disso, temos dois temas que aparecem nos poemas que marcarão o início da filosofia grega: a noção de justiça como valor supremo e o conceito de limite, que Aristóteles desenvolveria como a noção de "justa medida".

##### **Religião**

Havia duas expressões da religião grega: a religião pública, aquela que conhecemos pelos poemas de Homero e a religião dos mistérios, praticada em círculos restritos por aqueles que não consideravam suficiente a religião pública.

Dentre os "mistérios", aquele que mais importa para o nascimento da filosofia grega é o **Orfismo**, nome derivado de seu fundador, o poeta trácio Orfeu. O Orfismo inaugura uma concepção da existência humana distante do naturalismo: enquanto a religião pública considerava o homem mortal, o Orfismo opõe corpo e alma, sendo que o corpo seria mortal, mas não a alma. Do Orfismo são tributárias as filosofias de Pitágoras, Heráclito, Empédocles e Platão.

Outro aspecto importante da religião grega era a inexistência de um livro sagrado. As crenças eram difundidas pelos poetas, mas com uma visão não dogmática e sem uma autoridade que teria o direito de proteger os dogmas. Com isso, os filósofos gregos não enfrentaram resistência religiosa à sua liberdade de pensamento.

##### **Condições sociopolíticas**

Antes de existirem as *polis*, a sociedade grega se agrupava em comunidades compostas por pessoas com um antepassado em comum, comunidades chamadas de *genos*. O poder de decisão era concentrado na figura do mais velho do grupo, o *pater*. Com o aumento do número de pessoas em relação à quantidade de terras produtivas, iniciaram-se conflitos e, depois de um extenso desenrolar histórico, surgiu a noção de propriedade privada: para resolverem os

## CONHECIMENTOS ESPECÍFICOS

### Professor de Educação Básica - Filosofia

conflitos no interior dos genos, decidiu-se dividir as terras. Essa decisão, no entanto, foi baseada no critério mais forte para eles, o grau de parentesco. Assim, a proximidade sanguínea com o patriarca determinou tanto aqueles que se tornaram grandes proprietários, tanto aqueles que ficaram sem terras e se tornaram escravos ou artesãos.

Formaram-se assim as *fratrias*, pelo reagrupamento dos genos, e a organização das fratrias, deu origem às *tribos*. As tribos eram independentes e, por isso, podiam combater entre si. Entre as tribos que conhecemos, destacaram-se os aqueus, os eólios, os dórios e os jônios. Então, a Grécia Antiga não era formada por um Estado único e quando falamos "os gregos", não falamos sobre um único povo. Aos poucos, cada tribo fundou uma cidade-Estado, ou seja, uma *polis*, no ponto mais alto da região onde se situavam.

Muitos aqueus se instalaram em ilhas e em costas da Ásia Menor; os jônicos fundaram cidades como Mileto e Éfeso. Por conta das condições geográficas, eles desenvolveram atividades econômicas voltadas para a navegação, comércio e artesanato. A adoção do **regime monetário** fortaleceu aqueles que viviam dessas atividades e se afastaram da organização social micênica que tinha seu fundamento na **aristocracia de sangue**.

A partir do século VII a.C., os homens e as mulheres não se satisfazem mais com uma explicação mítica da realidade. O processo de transformação e de criação envolvido no desenvolvimento de técnicas leva ao questionamento a respeito do universo, se ele também não respondia a um processo semelhante.

É em **Mileto**, situado na Jônia (atual Turquia), litoral ocidental da Ásia Menor que as perguntas a respeito da natureza exterior do mundo se desvincularam da mitologia. Os dados da experiência sensível (frio, quente, pesado, leve, por exemplo) passaram a ser explicados de uma forma racional. Eram entendidos também como realidades em si – por isso se falava em "O quente", "o frio", "o pesado", "o leve".

Por meio desse exercício do pensamento, os filósofos pretendiam analisá-los em relação ao todo, pois a razão parecia exigir uma unidade no lugar da multiplicidade que até então não havia sido problematizada.

Os principais pensadores da escola de Mileto (ou também "escola jônica" ou "milesiana") são **Tales**, considerado o pai da filosofia, **Anaximandro e Anaxímenes**. Os pensadores dessa escola se caracterizam pela preocupação com a *physis*, palavra grega que pode ter o sentido de "natureza ou fonte originária", mas também de "processo de surgimento e de desenvolvimento".

Importante notar que nessa época não havia uma clara distinção entre as áreas do saber como temos hoje – ciência, religião, filosofia e matemática, por exemplo. Por esse motivo, muitos dos filósofos pré-socráticos podiam ser também líderes religiosos, cientistas, médicos ou matemáticos.

#### ➤ **Período pré-socrático**

O período pré-socrático compreende a escola jônica, pitagórica, eleática e pluralista.

A escola **jônica** recebe esse nome por se referir a filósofos nascidos na Jônia, colônia grega da Ásia Menor. Caracteriza-se pela pergunta a respeito da origem da natureza, para determinar o elemento que deu origem a todos os seres. Os principais filósofos jônicos são Tales, Anaximandro, Anaxímenes e Heráclito.

A escola **pitagórica** tem seu nome derivado do nome de seu fundador e principal representante: Pitágoras de Samos. Ele defendia que todas as coisas são números e o princípio fundamental de tudo seria a **estrutura numérica**, ou seja, o mundo surgiu quando precisou haver uma limitação para o *ápeiron* e essa limitação eram formas numéricas sobre o espaço. Os pitagóricos faziam um amálgama de concepções, como era comum na época. Desse modo, embora racionais e matemáticos, os pitagóricos também baseavam suas doutrinas em concepções místicas.

Acreditavam que o corpo aprisionava a alma, imortal, e o objetivo da existência seria o de tornar a alma mais pura. A reencarnação era uma consequência desse pensamento, pois a cada vida era possível elevar mais as virtudes da alma e reencarnar-se em uma forma mais elevada. Tinham, portanto, **uma visão espiritual da existência**. Outros pensadores importantes dessa escola: **Filolau, Arquitas e Alcmeón**.

A escola **eleática** tem o nome derivado da cidade de Eleia, ao sul da Itália, lugar onde se situaram seus principais pensadores: **Xenófanes, Parmênides, Zenão e Melisso**. Caracteriza-se por não procurarem uma explicação da realidade baseada na natureza. Suas preocupações eram mais abstratas e podemos ver nelas o primeiro sopro de uma lógica e de uma metafísica. Defendiam a existência de uma realidade única, por isso são conhecidos também como **monistas** em oposição ao **mobilismo (de Heráclito**, principalmente, que acreditava na existência da pluralidade do real). A realidade para eles é única, imóvel, eterna, imutável, sem princípio ou fim, contínua e indivisível.

A escola **pluralista** que inclui a **escola atomista** e os pensadores Anaxágoras e Empédocles, tem esse nome porque seus pensadores não acreditam na existência de um princípio único que seja a origem do universo e sim de vários princípios que se misturam e formam tudo o que conhecemos. Para os atomistas, tudo o que existe é composto de "átomo" e "vazio" que em um processo contínuo de atração e repulsão constituem a realidade existente.

#### ➤ **Período Socrático**

A importância de Sócrates para a história da filosofia é tal que todos aqueles que vieram antes dele são chamados de pré-socráticos. Isso significa que a forma como a filosofia ocidental se desenvolveu é tributária da forma como Sócrates entendia o que era a atividade de filosofar e à sua investigação a respeito do humano, que ele inaugurou.

A filosofia de Sócrates se desenvolvia a partir de diálogos e era composta de dois momentos básicos: **A refutação ou ironia** e a **Maiêutica**.

**A ironia** era a etapa em que Sócrates perguntava o que as pessoas sabiam para que, elas próprias, ao tenta-

## CONHECIMENTOS ESPECÍFICOS

### Professor de Educação Básica - Filosofia

rem defender suas opiniões, percebessem a limitação de seus argumentos, a contradição entre eles e a imprecisão de seus conceitos.

Para Sócrates, é importante para todos aqueles que querem conhecer alguma coisa, começar reconhecendo a própria ignorância. Para conduzir seus interlocutores a reconhecerem que não sabiam sobre aquilo que conversavam, Sócrates iniciava seu diálogo com perguntas que faziam parecer que ele também não sabia sobre o assunto. E esse é o sentido original da palavra **ironia**: derivada do verbo *eirein* (perguntar), ironia tinha o sentido de interrogação fingindo ignorância.

**A maiêutica**, em seu sentido original: a arte de parir, era a segunda fase do diálogo. **Como foi dito, Sócrates via nas artes desenvolvidas por seus pais como uma espécie de orientação para seu método filosófico.** Se, na fase da ironia, suas perguntas visavam estimular seus interlocutores a mostrarem seus pontos de vista, na fase da maiêutica, suas perguntas eram para estimular que eles criassem suas próprias definições a respeito daquilo que estava sendo discutido. Mas isso era progressivo, ou seja, ele conduzia calmamente o interlocutor de pergunta em pergunta; a cada resposta, ele fazia outra pergunta que revelava a contradição existente na resposta dada.<sup>6</sup>

#### **Heráclito**

##### **“Tudo flui e nada permanece” (Heráclito)**

Ninguém se banha duas vezes no mesmo rio. Quando imergimos, águas novas substituem aquelas que nos banharam antes. O exemplo serviu para ilustrar a Teoria do Devir de Heráclito de Éfeso, sua tese mais famosa. Para ele, o Universo anda num eterno fluir, com cada coisa sendo e não sendo ao mesmo tempo.

Para Heráclito, era o logos – algo como razão ou inteligência – que governa o mundo. Ele reconhecia que todos os homens possuem o logos, mas acreditava que a maioria (que chamou de “adormecidos”) não desenvolvia essa inteligência. Apenas os “despertados” utilizavam o logos de modo consciente. Suas teorias só foram reveladas após seu bizarro suicídio: cobriu o corpo de esterco e foi para a praça, onde foi devorado por cães. Heráclito deixou frases gravadas em lâminas de ouro que ficaram secretamente guardadas com sacerdotes. Eram curtíssimas e com duplo sentido, como no trecho “a rota para cima e para baixo é uma e a mesma”.<sup>7</sup>

#### **Parmênides**

##### **“Não é possível dizer nem pensar o que não é” (Parmênides)**

O grande Platão o reconheceu como pai espiritual e dedicou a ele um de seus diálogos. A profundidade das ideias e argumentações de Parmênides é considerada até hoje uma das mais ricas da história. E se filosofar já é difícil, imagine deixar as teorias gravadas em formato de poesia. Parmênides o fez. Está tudo registrado em poemas filosóficos (exatamente 154 versos).

6 Fonte: [mundoeducacao.bol.uol.com.br](http://mundoeducacao.bol.uol.com.br)

7 Fonte: [www.super.abril.com.br](http://www.super.abril.com.br)

Nascido em Eleia, hoje sul da Itália, Parmênides é considerado o principal nome da escola eleática, um dos últimos movimentos filosóficos do fim da era pré-socrática. Seu grande mérito foi ter reconhecido que nossos sentidos nem sempre estão certos, valorizando a importância de fazer uma interpretação racional do mundo. Parmênides chegou a uma conclusão oposta à do contemporâneo Heráclito. Para ele, a Teoria do Devir não poderia estar certa, porque algo que “é” e “não é” ao mesmo tempo não passa de uma contradição. Não há uma terceira possibilidade, dizia Parmênides. Ou o ser é uma coisa ou não é.<sup>8</sup>

#### **Sócrates**

Sócrates é para a filosofia o que Jesus representa para o cristianismo. Assim como o profeta, veio de uma família pobre, nunca escreveu uma palavra, incomodou muita gente e foi admirado por uma legião. Perambulava pelas ruas, onde parava desconhecidos e fazia perguntas embaraçosas. Como Jesus, Sócrates morreu de forma trágica. De origem pobre, seguiu a mesma profissão do pai, escultor. Mas o ofício logo foi abandonado com a convocação para a guerra do Peloponeso, onde defendeu Atenas contra Esparta. Foi também nessa época que o sábio encontrou o amor – ou melhor, os amores. Não que ele fizesse sucesso com as mulheres – pelo contrário, dizem que sua feiúra era incomparável –, mas a escassez de homens depois das batalhas fez os governantes criarem uma lei extraordinária que permitia o casamento com duas mulheres. Sócrates escolheu Xantipa e Mirtos como esposas.

Se lhe faltavam atributos estéticos, sobrava lábia. Sócrates falava dia e noite sem parar, inquerindo quem quer que cruzasse o seu caminho. A sede insaciável de diálogo ficou conhecida como método socrático, ou dialética. Passava os dias formulando questões e perguntando insistentemente, sem desenvolver uma teoria sequer. Dos diálogos, tentava estimular pensamentos sobre o que é o bem, o justo, o bom e o belo. A vida e a moral eram as grandes preocupações do pai da filosofia ocidental. Ele definiu o que acreditava ser uma vida virtuosa, onde a paz de espírito era atingida fazendo o certo, o que não era a mesma coisa que seguir o código moral da época. Fazer a coisa certa era uma questão de consciência – Sócrates acreditava que ninguém deseja fazer o mal. Esse princípio levaria à famosa máxima “Conhece-te a ti mesmo”, inspirada na inscrição do Oráculo de Delfos, centro de consulta aos deuses gregos. Certa vez, perguntou se ser enganador correspondia a ser imoral. “É claro que sim”, respondeu o interlocutor. Sócrates, então, indagou: “Mas e se um amigo estivesse muito triste e quisesse se matar e você roubasse a faca dele? Não seria um ato imoral?” Sim, ouviu como resposta. Sócrates concluiu: “Mas seria moral em vez de imoral, já que seria uma coisa boa e não ruim”. A essa altura, enquanto os neurônios do cidadão se debatiam, Sócrates dava-se por satisfeito. Ele próprio comparou esse método com a profissão de parteira da sua mãe. Sua mãe usava a habilidade para trazer à luz a vida. Ele paria a verdade. Um dia, um amigo de Sócrates consultou o Oráculo de Delfos. Desejava saber se existia alguém mais sábio que o filósofo.

8 Fonte: [www.super.abril.com.br](http://www.super.abril.com.br)